

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima
Roberto de Souza Ayres

GAZETA MERCANTIL

Sexta-feira, 7 de julho de 1989

Samuel

DIRETORIA

Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes

Henrique Alves de Araújo
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres

Página 4

Mais uma vez a Nação encontra-se chocada com o mau uso do dinheiro público, em razão da visita do presidente José Sarney à França, para a comemoração do bicentenário da Queda da Bastilha. Sem dúvida, a contrariedade nacional não é porque não se considere o evento importante, e muito menos porque não se considere neste país a obrigação de nos fazermos representar como Nação em eventos do porte do próximo 14 de julho.

O que efetivamente causa espanto, e mesmo indignação aos nossos olhos, é a singeleza com que o governo gasta o dinheiro público para se fazer representar na festa. Apesar de possuir a frota pública nacional aeronaves perfeitamente adaptadas ao transporte do presidente e comitiva em viagens internacionais, decide o Palácio do Planalto fretar de empresa aérea privada outro avião, com maior capacidade de transporte justamente para que assim dê conta de todos os convidados presidenciais.

Afinal, há que se perguntar: o que todas essas pessoas vão fazer na França? Evidentemente, este é um país livre, como também o é de Mitterrand, e não se pode objetar a ida de

Representar com conveniência

qualquer cidadão para qualquer parte do mundo. Mas por que devem participar de festejos à custa do contribuinte? Ainda mais quando enfrentamos problemas tão graves em nossa economia, quando o descompasso inflacionário leva cada vez mais brasileiros ao estado de miséria, à inadimplência social.

O governo gasta em mordomias, ao mesmo tempo que é obrigado a cortar investimentos na área do ensino, da pesquisa, desperdiça dólares com convidados em viagens internacionais, no mesmo momento em que centralizamos o câmbio, flertamos com a moratória, por problemas com nossas reservas.

Não somos contra as viagens presidenciais, pelo contrário, sabemos necessário que este ou qualquer outro chefe de Estado brasileiro faça política internacional. Participe de eventos mundiais, visite outros países, execute o mister da aproximação do Brasil com seus aliados, como se fez em relação à América Latina, a Portugal ou mesmo em relação à

distante União Soviética. Mas, por favor, que isto seja feito sem exageros, com respeito, sem distribuição de benesses.

Marcha o presidente, com comitiva, esquadrão avançado, setenta seguranças, para comemorar com o mundo os duzentos anos de uma revolução. Talvez não saibam, mas o evento que irão festejar, há dois séculos sepultou violentamente um velho regime que antes de mais nada tripudiou sobre seus súditos, um governo que havia quebrado o setor público, que perdera qualquer controle sobre a dívida interna e externa e que naufragava nos privilégios cartoriais de sua elite. Qualquer semelhança é mera coincidência.

É bem verdade que viagens internacionais estapafúrdias, com gastos exagerados para o Erário, não são novidades neste país. Pode-se dizer mesmo que já se incorporaram — infelizmente — ao folclore nacional. Nossos dirigentes parecem ter fixação por esse tipo de expedição, e não se comovem pelo mau

exemplo. Exemplo, diga-se, não fica nos limites de nossas fronteiras. A extravagante imagem de nossas representações é por demais conhecida internacionalmente. Não é necessário nenhum esforço adicional para imaginarmos o que pensam as nações desenvolvidas, como a que será nossa anfitriã em 14 de julho, sobre esse tipo de peraltice.

Serão os mesmos chefes de Estado, reunidos em Paris, que decidirão sobre o futuro de nossos negócios externos, que se sensibilizarão ou não pelas nossas necessidades de financiamento, pela concessão de novos créditos. Seguramente suas decisões estarão informadas pela triste imagem da irresponsabilidade. Gente que tem a obrigação de administrar um grande país, que tem problemas gravíssimos, mas que apesar de tudo se dá o direito ao luxo com o dinheiro do contribuinte.

Mas talvez tudo isso não passe de um grande exagero. Se tem faltado pão a grande parte dos cidadãos comuns desta nação, seguramente é porque estes, pela sua falta notória de visão, não se deram conta da grandiosa oferta de brioques em nossas padarias.